

Educação é esperança
Notas da fala de Davide Proserpi
no encontro de lançamento da campanha Tendas AVSI de 2024/25
Milão, 16 de outubro de 2024

Boa noite. Em primeiro lugar, agradeço muito o convite, embora não esconda um certo constrangimento em falar após os testemunhos que ouvimos e diante de pessoas como vocês, que vivem “na linha de frente” e de quem sei que tenho muito que aprender. Contribuo, no entanto, com prazer, pois o tema que escolheram para a campanha das Tendas deste ano – a esperança – é um tema sobre o qual todo o movimento Comunhão e Libertação está trabalhando, a partir dos Exercícios da Fraternidade do último mês de abril. Além disso, o Jubileu que está prestes a começar é dedicado precisamente à esperança. Por isso, esta é para mim uma ocasião preciosa para aprofundar o significado da palavra “esperança” hoje, em comparação com a concretude dos projetos de que vocês nos falaram.

O Relatório Censis de 2023 usa o termo “sonambulismo” para descrever uma Itália perdida e resignada diante da queda demográfica, da situação econômica e dos focos de guerra: a sociedade italiana estaria dedicada a “desejos menores” e “prazeres consoladores” numa “busca pacata”, sem vigor. Em relação a uma situação do gênero, não podemos limitar-nos a dizer que “tudo vai ficar bem”, com aquele otimismo ingênuo que, depois da covid, não persuade mais ninguém. Muitas vezes, a dor ou o mal parecem prevalecer, como ficou claro, por exemplo, nos trágicos acontecimentos recentes que marcaram os últimos meses, em relação aos quais o Movimento se manifestou com um panfleto de posicionamento.¹ Mas também num nível menos dramático, todos notamos que, nos afetos, no trabalho ou na política, sempre surge uma promessa que inicialmente dá certo impulso, mas que depois parece não cumprir-se, levando muitos a se retrair. Dificuldades e limites acabam esmagando, e assim as pessoas se contentam: a decepção e a tristeza quebram as pernas, roubam a esperança.

A história terminaria assim também para nós, se não tivesse ocorrido algo humanamente imprevisível. Eu, em primeiro lugar, hoje não poderia estar aqui com vocês falando sobre a esperança, se não tivesse encontrado amigos, uma companhia que me mostrou que a resposta ao nosso desejo profundo existe, mas não é uma ideia que realizar ou uma meta que alcançar: é uma Presença. Tomemos o caso, conhecido por todos aqui, das mulheres do Meeting Point de Kampala: por que essas mulheres voltaram a tomar os remédios que até o dia anterior jogavam no lixo, mesmo sendo caríssimos e sendo a única oportunidade para continuarem vivendo? Por quê? Porque Rose afirmava

¹ “O mal e o amor que salva”, *clonline.org*, 19 de setembro de 2024.

o valor da vida delas, e não apenas com palavras, mas, antes de tudo, com o amor gratuito que derramava sobre elas, estando ao lado delas. Essas mulheres redescobriram o valor de suas vidas por uma presença que lhes testemunhava a certeza de que vale a pena viver, de que existe um sentido e de que esse sentido é bom. O sentido bom é que há alguém para quem é evidente que o fato de você estar aqui, o simples fato de existir, é um bem, é um valor; há alguém que é capaz de te amar gratuitamente. É algo de outro mundo que entra neste mundo, no horizonte ordinário da sua vida.

O encontro com esse horizonte vasto tem a força de te fazer perceber que essa grandeza é para você: não apenas é possível, mas é para você. E então você começa a desejar para si essa grandeza que não possui, que não está no que você pode fazer, pois é a grandeza de um olhar de amor que, antes de tudo, você recebe. Esta é a força de um encontro verdadeiro: é capaz de mudar a vida. Mas, como todos os encontros que pretendem ampliar nosso horizonte, essa grandeza nos exige um sacrifício: desviar o olhar de nós mesmos, como estamos acostumados a fazer, em direção a um outro.

Como mencionei na introdução aos Exercícios da Fraternidade, sempre entendi as palavras que Jesus dirige ao jovem rico (“Vai, vende tudo, deixa tudo e segue-me”²) justamente como um chamado à esperança, pois muitas vezes o maior obstáculo para experimentarmos uma verdadeira esperança na vida é quando depositamos nossa esperança no que já possuímos, nas nossas coisas.³

Esse é o coração do drama – a meu ver – do episódio evangélico: “Jesus, então, olhou bem para ele, com amor” e convidou-o a segui-Lo, mas, ante o pedido para que abandonasse seus bens – isto é, “apostasse tudo” na amizade com Cristo –, o jovem do episódio evangélico “ficou pesaroso e foi embora, cheio de tristeza, pois possuía muitos bens”.⁴

Nesse sentido, a questão fundamental que se põe para nós hoje é idêntica à que se punha para o jovem rico ou para os judeus diante da destruição de Jerusalém nos tempos do profeta Jeremias, que confiavam em suas próprias forças e não acreditavam nas palavras do profeta.⁵ Eles foram chamados – para retomar as palavras de um livro do teólogo Adrien Candiard (que participou este ano do Meeting de Rímini) – a uma “purificação radical de sua esperança”. Da mesma forma, continua Candiard, “nosso tempo tem essa missão histórica, difícil e emocionante. Ao contrário de muitos que nos precederam, que podiam ser cegados pelos sucessos da fé, nós já não temos grande escolha entre o desespero ante a catástrofe ou a esperança em Deus. As outras esperanças já não fazem sentido. A única promessa que Deus faz a Jeremias não é o triunfo ou o sucesso. É a promessa de sua presença”.⁶

² Cf. Mt 19,21; Mc 10,21.

³ Cf. D. Prosperi, “Saudação introdutória”. In: G. Paccosi, *“O que me espanta, diz Deus, é a esperança”*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2024, p. 7.

⁴ Mc 10,21-22.

⁵ Jr 26; 37.

⁶ A. Candiard, *La speranza non è ottimismo. Note di fiducia per cristiani disorientati*, Verona: EMI, 2021, pp. 60-61.

A questão resume-se nestes termos: em que você deposita sua esperança? Em que fundamenta sua existência? A alternativa radical colocada por Jeremias ao povo hebreu num dos momentos mais difíceis de sua história é a mesma que se apresenta a nós hoje: confiar ou não na promessa de Deus, que se fazia presente entre eles por meio do profeta. Devemos decidir se estamos dispostos a apostar *tudo* nessa Presença, que hoje nos vem ao encontro e nos chama a abraçá-la na Igreja.

Nós somos culturalmente filhos de uma história que durou séculos e transformou profundamente a mentalidade do homem e sua relação com a realidade. É o que vocês da AVSI testemunharam quando, diante dos representantes do G7 reunidos na Reggia de Caserta em 1º de outubro para discutir educação,⁷ trouxeram o depoimento de Priscilla Achan, diretora da Escola Primária Luigi Giussani em Kampala. Filha de uma das mulheres do Meeting Point, Priscilla contou a todos o que significou para ela a presença de seus professores após perder ambos os pais: “Os professores da escola Luigi Giussani estavam sempre lá para me ajudar quando eu precisava. Eles me acompanharam para que eu descobrisse que, apesar das dificuldades, a vida ainda vale a pena de ser vivida. Nunca me senti sozinha, porque estava cercada por rostos de pessoas que realmente me amavam e queriam me ver feliz”.⁸

Então entendemos bem por que precisamos tanto de uma educação. Como disse Giampaolo Silvestri em sua intervenção no G7 e depois no *Corriere della Sera*, afirmando que “somente a educação é capaz de influenciar o [...] destino” dos jovens, pois “envolve a pessoa em sua totalidade. [...] É essa educação, que se baseia na certeza do poder transformador das relações humanas, a única capaz de gerar, ao longo do tempo, paz e desenvolvimento sustentável para todos”.⁹

Concluo, então, insistindo justamente na conexão profunda entre a educação e a esperança, as duas palavras-chave que vocês, muito oportunamente, puseram como título das Tendas deste ano. Somos gratos por isso, pois nos obrigam a focar no que Dom Paccosi destacou nos Exercícios da Fraternidade, quando insistiu na necessidade de uma “educação para a esperança”, sintetizando-a com estas poucas palavras: “Educar para a esperança significa olhar para Cristo. Não há outro caminho para crescer na esperança”, ou seja, “viver o nosso pertencer a Cristo dentro desta história que chegou até nós”.¹⁰

Isso para mim é crucial, não só para minha vida pessoal, mas para a vida de todo o Movimento, e digo mais: é exatamente essa a contribuição que somos chamados a dar num momento histórico de mudança e reflexão sobre a natureza e a missão da Igreja no mundo. Pensemos, por exemplo, no Sínodo em andamento em Roma.

⁷ G7 eventi, *Investire nell'apprendimento permanente per la creazione di posti di lavoro e la resilienza: un dialogo con l'Africa*, Reggia di Caserta, 1 de outubro de 2024.

⁸ M. Giacomazzi, “Priscilla, Dom Giussani e o G7”, *Passos*, n. 270, nov./dez. 2024.

⁹ G. Silvestri, “Il potere trasformativo dell'educazione”, *Corriere della Sera*, 2 de outubro de 2024.

¹⁰ G. Paccosi, “*O que me espanta, diz Deus, é a esperança*”, op. cit., pp. 87, 88.

A esperança, aquela de que todos precisam, não pode basear-se em nossas forças ou no cálculo das probabilidades: este não é o significado da expressão giussaniana “ter em conta todos os fatores”,¹¹ que muitos de nós conhecemos bem. A esperança, ao contrário, fundamenta-se só na presença de Cristo, que vem ao nosso encontro e nos ama, como amou o jovem rico, como amou Pedro mesmo após sua traição, como amou Zaqueu ao vê-lo subir no sicômoro, e como amou a viúva de Naim ao vê-la desesperada pela morte de seu único filho e como amou aquela mulher que todos queriam apedrejar depois de a terem surpreendido em flagrante adultério. Assim Cristo hoje nos ama, vindo buscar-nos onde quer que estejamos, em Milão, Kampala ou no Líbano, e nos ama como somos, com todas as nossas limitações. Como dissemos no Dia de Início de Ano, recordando o episódio da Samaritana: Cristo revela o rosto do Pai, que – precisamente – é Pai, nos ama. Até então, Deus era percebido como um mistério inefável, distante, enquanto a encarnação inicia uma nova história: o rosto amoroso de Deus foi revelado, e o próprio Cristo envolve-nos em sua missão de testemunhá-Lo a todos.

“Para esperar, meu filho, é preciso ser muito feliz, é preciso ter obtido, recebido uma grande graça”, escreveu Péguy.¹²

Foi o que dissemos no início dos Exercícios Espirituais de abril e que não podemos deixar de lembrar: por essa razão, o título das Tendas deste ano é tão precioso, e fico realmente grato a vocês por tê-lo escolhido. De fato, se as coisas são assim, nossa resposta ao chamado de Cristo *coincide* com a contribuição que podemos dar ao mundo! É o que emerge da resposta de Dom Giussani a uma *memor Domini* que, justamente durante as Tendas de Natal de que participara dias antes, ficou impressionada com o fato de as pessoas encontradas naquela ocasião terem ficado tocadas por ela porque comunicava uma “afeição”, uma “consciência de dependência sem talvez ser capaz de expressá-la em palavras”. Giussani respondeu-lhe assim: “Se alguém se oblitera, se alguém deixa de lembrar, se não mantém presente essa dependência constitutiva do seu eu, seu eu deixa de ter qualquer base; é apenas uma força de vontade, uma pretensão de vontade, um orgulho que tenta impor-se, mas que não tem conteúdo. [...] Se você tem consciência do vínculo com o que te cria, ao falar com os outros comunica essa consciência. Portanto, ao falar com os outros, não é você sozinho que fala com eles; é ‘você e um Outro’ que fala com eles. E os outros sentem essa maior densidade da sua presença”.¹³

Pois bem: é essa “dependência constitutiva” o que dá “maior densidade” à nossa presença, ou seja, que nos torna presença para nós mesmos e para os outros, estabelecendo assim relações humanas capazes de gerar a paz e o desenvolvimento de que Giampaolo escreveu. Nossa única originalidade

¹¹ Cf. L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2007, p. 18.

¹² C. Péguy, *Os portais do mistério da segunda virtude*, Liboa: Paulinas, 2013, p. 20.

¹³ L. Giussani, *Affezione e dimora*, Milão: BUR, 2001, pp. 377-378.

– a *única e verdadeira* “originalidade”, no sentido próprio da palavra – não é, portanto, o produto de um planejamento astuto, e sim o fruto do vínculo com uma história. Uma história que, no entanto, não está confinada ao passado, mas continua e se concretiza no presente numa amizade, numa comunhão vivida. A nós, no fundo, não é pedido nada além de testemunhar a todos a comunhão que sustenta a nossa própria vida, como fizeram Priscilla e Giampaolo em Caserta. Meu desejo é que as Tendas sejam também uma oportunidade para esse testemunho. Obrigado.